



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

AUGUSTO MYUNG HO KWON

(entrevista)

São Paulo, SP

2003

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “História de imigração coreana e a influência de taekwondo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-927

Nome do/a entrevistado: Augusto Myung Ho Kwon

Local da entrevista: São Paulo, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 12/09/2003

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: -

Total de gravação: 45 minutos.

Páginas Digitadas: 26

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: KWON, Augusto Myung Ho Kwon. Entrevista com Augusto Myung Ho Kwon concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 12 set 2003, 30 p.

SUMÁRIO

História do Taekwondo na Coréia e vinda para o Brasil; relação e controvérsias de Taekwondo com o Judô; Correntes e transformações do Taekwondo; Conflitos de geração; Associação dos Coreanos; Memórias; Coreanos 1.5; Jornais da Colônia Coreana; Presença Coreana no Brasil; Relação entre japoneses e coreanos em São Paulo; Academias de artes marciais em São Paulo.

São Paulo (AP), **12 de setembro de 2003**. Entrevista com Augusto Myung Ho Kwon (A.K.) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (F.M.) para a pesquisa “História de imigração coreana e a influência de taekwondo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

A.K. – Eu sou Augusto Myung Ho Kwon, presidente da Associação Brasileira dos Coreanos, estou realizando a entrevista sobre a matéria de história de imigração coreana e a influência de taekwondo e eu autorizo o teor dessa matéria para inserção na disciplina de pós-graduação do mestrando Felipe da Puc, História da Puc. Hoje é dia 12 de setembro de 2003, sexta-feira de manhã.

A.K. – Taekwondo inicialmente não era taekwondo, taekwondo é uma forma já acabada na forma de arte marcial, mas no passado..., essa denominação é recente, mas no passado chama-se taekkyeon, taekkieon mas, tem significado semelhante mas era uma luta popular muito comum, muito apreciada que é..., que não é muito diferente de hoje mas denominação, talvez se deriva a essa denominação chamada taekkieon. Taekkieon está muito presente nos quadros antigos da Dinastia da Coreia do passado, apreciado por todos. Então ele muito similar com caratê do Japão mesmo por que Japão recebia muita influência da cultura da Coreia do passado. Só que quando os coreanos começaram a vir no Brasil eles já..., taekwondo já era conhecida principalmente por que ele se tornou uma marcial oficial do povo coreano e foi muito difundida durante Guerra da Vietnã. Durante Guerra de Vietnã, soldados coreanos lutavam como as armas e taekwondo também e também naquela época dos anos final de sessenta, durante Guerra de Vietnã e comecinho de setenta, havia uma grande difusão de lutas marciais em função da..., em função dos filmes de Bruce Lee, que era verdadeiro lutador das artes marciais que também fez filme com esse tema e foi famoso né? Então pra mundo ocidental, luta marcial oriental se tornou foco de atenção muito difundido pelo filme de Kung Fu, também parte criou-se um mito durante Guerra do Vietnã que com tudo isso vieram os mestres de taekwondo da Coreia pra Brasil, como imigrantes. Então essa foi..., na realidade não acredito que eles tenha vindo pra divulgar somente taekwondo, talvez tenha conjunção de fatores que fizeram com que muitos saíssem do país de Coreia pra buscar oportunidade em outro país, mas entre eles alguns eram mestres de taekwondo que como muito trabalho e esforço conseguiu fixar no centro dessa luta marcial, por que mestre de taekwondo diferente de outros imigrantes, eles

buscaram fixar sua moradia trabalhando com esse ofício, ou essa profissão que ele conhecia. É quando você vai de imigrante pra outro país, muitas vezes você muda de profissão se adaptando a necessidade local, professor não aula por que não consegue dominar idioma local e dinheiro? A gente vive sem dinheiro, isso vida de imigrante. Mas um dos poucos era mestre de taekwondo que tentaram manter sua profissão e da produção de seu ofício eles fizeram como meio de sobrevivência também. Então no mundo todo artes marciais orientais de alguma forma tinha grande aceitação, isso claro, com certeza os primeiros precursores de taekwondo no Brasil, mestres de taekwondo no Brasil deve ter tido enorme dificuldade, idioma, cultura, tudo isso, ainda mais divulgar uma nova modalidade de esporte, de lutas marciais, na época não nem considerado esporte. Há muitas histórias de dificuldades deles de divulgar, na época principalmente eles chegaram, começaram a chegar nos anos 70, 1970, 71, quando então chegaram mestre Sang In Kim e os outros, eles encontraram terreno bom por que aqui no Brasil era regime militar, ditadura militar e nos quartéis e nas acadêmias de polícia eles foram aceitos. Como eles conseguiram penetrar eu desconheço, mas só sei que eles foram aceitos pra dar aula, se não falha a memória, se não falha a memória, muitos deles simplesmente fazia demonstração na marra, as vezes na praça, há um caso de mestre de taekwondo nos Estados Unidos que ainda mantém academia que dá aula pra senadores, ex-presidentes, atores famosos, isso foi no caso de Canadá e nos Estados Unidos também, que ele não conseguia o que fazer então fazia demonstração dele de taekwondo na praça pública, sem autorização, aí ele fica prezo mas como pessoa se interessava conseguia então assim dar aula gratuita, demonstração gratuita, e assim conseguia autorização pra dar aula e academia de polícia e quartéis há essa modalidade de treinamento do corpo, acho que absorveram essa idéia e começaram a dar aula.

F.M. – É... doutor, eu queria voltar um pouquinho, na Coréia, né? Eu lembro que naquela palestra o Sr. disse que veio pro Brasil em 63?

A.K. – Eu cheguei em 71, primeiros imigrantes chegaram me 63.

F.M. – Eu acho que foi o Jung que chegou na década de 60.

A.K. – É isso.

F.M. – Enfim, e você chegou aqui com uns 15 anos?

A.K. – 15 anos.

F.M. – Você vivenciou um pouco dessa transformação do taekwondo na Coréia, ou não você não tinha muito contato?

A.K. – Tinha, é que na época todo mundo aprendia taekwondo na escola, só que optei pelo Judô. Por que achei taekwondo muito mais agressivo típico, é digamos, de quem gosta de brigar.

F.M. – Existia essa imagem de quem fazia taekwondo lá?

A.K. – Tinha, eu achava que..., muitos acham que taekwondo é luta agressiva de ataque, e de fato é, e judô é luta de defesa. Então na escola tinha modalidade esporte pra você treinar, todo mundo tinha alguma modalidade, eu optei pelo Judô, mas... Todas pessoas que jovens que gosta de brigar, se meter na encrenca, é bandido, malandros e acha mais fortões, eles praticavam taekwondo, havia uma certa identidade nesse sentido.

F.M. – Mas o Judô é sabidamente japonês, nessa época na Coréia não existia mais aquele sentimento...?

A.K. – Não, não Judô, também originário da Coréia que Judô significa Yudô, Yudô é nome coreano, como eu falei no começo, muitas culturas da Coréia foram transferidas para o Japão, então a diferença é que Japão fez da Judô uma modalidade de esporte oficial.

F.M. – É. Mas no Japão contasse na história do Judô, que foi uma variação Jiu-Jitsu que o Jigoro Kano, criou lá uma série de movimentos e deu esse nome.

A.K. – Esse é um conflito de duas culturas que cada um clama titularidade, paternidade, mas tanto Judô quanto o taekwondo consta da história da Coréia. Mas isso aconteceu há muito tempo, mas como muitos japoneses tem suas raízes na migração coreana, então há

uma confusão por que etnia japonesa, uma parte é de origem polinésia pra sul, pessoas mais baixas, como por exemplo, Okinawa. Okinawa na realidade nunca foi Japão, nunca fez parte do Japão na história toda, tem origem polinésia. Que Japão mesmo durante muito tempo, longa história era parte, era ocupado, era habitado por imigrantes coreanos, e norte do Japão Hokaido, lá em cima era..., aí pessoas são mais altas e mais robustos ele são de origem é digamos de norte do continente siberiano. Então povo japonês há uma certa mistura mas, boa parte do japonês é de uma etnia coreana.

F.M. – E que muitos são de Okinawa.

A.K. – Okinawa, Okinawa polinésios na realidade, né? Mas quando houve um conflito entre as Dinastias da Coreia, antigamente havia três Dinastias, no começo século III, IV, assim, muitos deles famílias nobres que perderam a guerra e que fugia pra Okinawa ou pro Japão. Então os perdedores costumavam fugir pra Japão ou pra Okinawa, eles constituíam seus Clãs. Essa é a nossa versão, mas japoneses muitas vezes...

F.M. – Assim como Sireum, né? Uma luta coreana bem parecida com...

A.K. – É Sireum é precursor do Judô. Sireum, Sireum é na realidade, de Sireum que Judô, Judô deriva-se de Sireum.

F.M. – Assim como Sumô também?

A.K. – É Sumô e Sireum são bem semelhantes. Então digamos que pra quem desconheça é mesma coisa, mas cada um clama originalidade e titularidade, paternidade, mas na minha opinião tem mesma raiz.

F.M. – O Senhor nasceu em que ano?

A.K. – 56.

F.M. – E cursou na Coreia até que escolaridade?

A.K. – Estive na Coreia cursando até primeiro colegial.

F.M. – Na época que o taekwondo foi proclamado esporte coreano, ou melhor na época que se reunirão todas as escolas de artes marciais da Coreia, isso foi comandado por um homem, o General Choi Hong Hi, e eu não sei se o Sr. tem conhecimento ou se pode falar alguma coisa sobre ele, já ouviu falar nesse General?

A.K. – Não. Esse processo, processo evolutivo do esporte taekwondo eu desconheço por que ela teve destaque quando se tornou esporte dos jogos olímpicos, quando conquistou essa aí pessoal deram mais valores pra esportista, mas pra conquistar jogos olímpicos, como modalidade de jogos olímpicos é preciso que ela tem difusão mundial, que todo, muita gente, uma boa parte do povo do mundo pratique esse esporte. Judô foi aceita como modalidade de jogos olímpicos a mais tempo, por que houve uma difusão maior, mais cedo. Taekwondo foi aceito justamente por que houve uma difusão dessa modalidade em função dos mestres que se imigravam pro mundo aí fora ele conseguia se fixar nos anos 70, esse esporte como esporte praticado em várias regiões do mundo, isso foi reconhecido, claro houve um esforço por parte da federação de taekwondo da Coreia pra demonstrar isso, mas se não tivesse essa difusão de imigração dos mestres, que lá fizeram questão de divulgar e dele, desse esporte sobreviver não teria aceito por que não haveria, não seria um esporte praticado por muita gente no mundo. Só que isso foi um conjunto de fatores favoráveis, como já falei, Guerra de Vietnã, filme de Bruce Lee, Kung Fu, e que difundiu noção de artes marciais, mas também houve um esforço pessoal de cada mestre em busca de manutenção do seu ofício que é dar aula de taekwondo.

F.M. – muito dessa imigração dos mestres pra além da própria difusão do taekwondo teve muito a ver com a crise que era vivida na Coreia do pós-guerra.

A.K. – A sim. Anos 60, Coreia era um país muito pobre, além de ser pobre sofria também ditadura militar, numa ditadura você se alia ou se torna inimigo, mas nem sempre aliança é agradável por que as vezes você não concorda com alguma postura da ditadura militar. Então muitos saíram, então era uma época difícil e pobre e muitos saíram pra buscar oportunidade em outro país inclusive mestre de taekwondo e essa foi razão principal né? Busca de oportunidade.

F.M. – Só que o destino preferido dos coreanos não era o Brasil, era os Estados Unidos.

A.K. – Era Estados Unidos não somente dos coreanos, do mundo todo né? Por era um país de oportunidade, grande, rico e na época sociedade americana era mais aberta e acolhedora do que hoje. Hoje nem tanto, mas na época era mais acolhedora e receptíveis aos imigrantes estrangeiros. Então eles trabalharam aqui nos setenta difundindo, trabalhando como mestres de taekwondo nos quartéis, academia de polícia federal, polícia civil e polícia civil. Aí eles penetraram na sociedade brasileira dessa forma, sendo chamado como mestre, como um certo respeito. Nos anos setenta como muito respeito por que ele era mestre de muitos delegados, muitos coronéis.

F.M. – Com relação a esse aspecto, existe uma versão de que o primeiro mestre o Sang Min Cho, teria vindo para o Brasil à convite do presidente Médici. O Sr. sabe alguma coisa nesse sentido?

A.K. – Isso eu desconheço. Essa parte interna de história de mestres de taekwondo, eu posso indicar mestre que conhece bem, o próprio Sang In Kim ele pode explicar mais. Hoje os mestres de taekwondo se divide um pouco né? Não sei se você conhece, já hoje no Brasil existe federação de taekwondo, só que surgiu uma liga de taekwondo que é uma ala dissidente. Federação de taekwondo era liderado por Sang In Kim, esse mestre, e a liga é liderado por dono da Academia Liberdade, aqui no Aclimação, rua Conselheiro Furtado, é uma dissidente, existem outros mestre que não se aliam nem um nem outro, se tornaram mestres da sua academias própria, mas não querendo se envolver, na federalização, na formação de liga, por que acha isso é muita politização. Então você queria saber influência da imigração coreana no Brasil. Teve muita influência no começo, principalmente no final de sessenta, início de oitenta, quando começaram a fixar. Como já falei, eles como se tornaram amigos e mestre pra muitos autoridades, como delegados da polícia e oficiais e militares da época da ditadura militar e tornava um homem num lugar importante, no relacionamento com o poder. Então... E nessa época comunidade coreana não dispunha de advogados, nem falava direito o português, muitos que são adultos são recém chegados, então eles atuavam numa vida bastante, assim, simplória de sobrevivência e nutos atos abusivos de excessos praticados por policiais eram resolvidos por mestres de taekwondo

que conhecia delegado, fulano, se não conhecia chamava amigo dele, amigo dela também ligava pra outro amigo e resolvia problema.

F.M. – Os coreanos chegaram e logo se fixaram ali no bairro da liberdade.

A.K. – Inicialmente era nos sítios, por que imigração tinha origem agrícola, só que todo mundo saíram de lá e já no final de sessenta se concentraram no bairro e liberdade na rua Conde de Sarzedas que é uma travessa da rua Conselheiro Furtado quase próximo ao Fórum central da Sé que era um lugar barato por que era uma rua de prostituição, então só de ser barato ai era tido um bairro coreano, aquela rua toda, ele começa lá em cima da praça João Mendes e desce lá em baixo até Glicério. É uma rua bastante povoada muita sujeira, muitas pessoas que atuavam na prostituição, um lugar uma tanto quanto complicado, mas era barato. Então assim pessoas se concentrava ali, por que coreanos que chegavam, chegavam pobres que moeda coreana daquela época era muito pouco valorizada em relação a dólar. Então nessas circunstancias mestres ajudavam muito comunidade, por que ele conhecia fulano, cicrano que podia ajudar, e naquela época também, numa ditadura militar, palavra do coronel, capitão, um delegado federal valia mais do que um advogado, isso era realidade então, eu me lembro que muitos andavam com fotos de autoridades militares ou polícia, pra dizer que conhece fulano e cicrano, fazia questão de andar como foto, cartãozinho pra apresentar... “Olha, eu conheço fulano e cicrano”. Então numa época em que muitos ainda não falavam português, desconhecia as leis, locais e desconhecia a vida daqui.

F.M. – Havia muitos clandestinos também.

A.K. – Havia muitos clandestinos também, é papel exercido por mestres de taekwondo de alguma forma se assemelhava com assistente social e advogado e despachante, além de ser mestre de taekwondo. Então eles exerciam função importante, tanto é que alguns deles, ou muitos participavam da direção de associação, Sang In Kim, foi um dos presidentes dada a grande influência que ele tinha, mas isso no começo e eles, muitos expandiram na área de esporte modalidade taekwondo, mas muitos outros partiram pra não esporte, mas no “buShiness”, negócios empresariais. Caso típico é Sang In Kim que hoje ele além de ser presidente da federação, acho que é, ou se foi, não me lembro, ligado a federação de

taekwondo, ele foi um homem que fez empreendimento imobiliária de construção do “Shopping Fashion Luz”, lá antiga estação da luz, rodoviária luz. Então empreendimento empresarial, não tem nada a ver com esporte, por quê? Por que esse círculo de amizade que ele consolidou, abre porta pra novas oportunidades. Então essa escalada empresarial pra muitos era motivos de críticas entre os colegas, mestres de taekwondo e dos demais, mas também era motivo de oportunidade de ascensão social. É, quando alguém se dá bem é motivo de ciúme, mas pra mais puristas é um desvio da finalidade, por que mestre é mestre, não pode desfazer o nome de mestre pra fazer negócio. Essa era concepção das outros esportistas.

F.M. – Essa dissidência, que você comentou sobre o taekwondo de se dividir em várias federações, eu consigo ver bem claro num primeiro momento entre os coreanos e também num segundo momento entre os brasileiros, mas também recordando aquela palestra, aquela mesa redonda, eu me lembro que todos os participantes, com exceção do cônsul se queixavam de que houve um momento na história da imigração coreana em que os coreanos ditos 1.5 e 2.0, passaram a querer impor suas idéias, tinham uma relação melhor com a vida aqui no Brasil, se adaptaram melhor a vida no Brasil, teria um a ver com esse fato, essa dissidência entre primeiro, esses primeiros mestres, Yeo Jim, Yeo Jun, que são os donos da academia liberdade, com o mestre Sang In Kim? Por que o mestre Sang In Kim, sabidamente é um coreano que já veio formado de lá e os dois se eu não me engano vieram jovens de lá.

A.K. – Isso vieram jovens, inclusive eles tornaram mestres aqui. Tem a ver com conflito de gerações né? A geração nova tende a buscar sua identidade e nessa esteira as vezes rejeita valores da geração anterior, muitas vezes não sem fundamento, muitas vezes como fundamento, ele espelha no passado e nos feitos e começa a enxergar algumas coisas erradas também. Então ao verificar aquele que está errado ou aquele que parece estar errado, ele não se alia e se isola ou cria seu próprio movimento. Essa é a mudança de geração, eu diria que mais mudança de geração associado também com maior grau de adaptação a vida brasileira. Yeo Jin Kim da Academia Liberdade fala bem coreano, fala bem coreano e fala bem português, Sang In Kim não fala quase nada de português mesmo tendo vivido aqui uns trinta e poucos anos. Então isso muda comportamento e maneira de pensar. Sang In Kim e sua turma, seus amigos de faixa de 50, 60 anos ainda vive sob

cultura e domínio de pensamento daquela época de trinta, quarenta anos atrás da Coréia, que é hierarquizado, verticalizado, rigoroso, quase que uma obediência cega ao superior e mais idoso.

F.M. – Muito próximo do Confucionismo, dos valores do Confucionismo?

A.K. – Muito, claro! O Confucionismo em si não é tão rígido, mas numa determinada época, a sociedade coreana, no final da dinastia coreana e começo do século agora fizeram do confucionismo um... Tiraram desse confucionismo uma forma para impor, criar uma sociedade assim hierarquizada, de cima pra baixo, nada de baixo pra cima, não se pode colocar no mesmo nível. “Ah por que é mais jovem, por que discípulo, por que aluno, por que tem patente inferior”. Então foi bom esse confucionismo para impor ditadura, isso no final da dinastia da Coréia, durante a ocupação japonesa, também muito militarizada e exige obediência, né? E durante ditadura militar. Durante uma instabilidade social é um instrumento útil pra impor e “calar a boca”, essa cultura está muito presente, estava presente entre professores e alunos, entre diretores e seu funcionário da empresa, entre os militares, entre os políticos, entre todos. Então durante muito tempo a sociedade coreana em todos os segmentos da vida estava presente essa relação, nunca de baixo pra cima, nunca na igualdade, de cima pra baixo, dá ordem obedece, não se discute e tem que fazer. Mandou tem que fazer! Tem que respeitar muitas vezes sem discussão. Então isso está muito presente ainda junto com os velhos. Já 1.5, 2.0 não admiti, rejeita, então essa é conflito da geração, por que a visão da vida é totalmente diferente, jovens não aceita essa imposição unilateral. Então é natural também que na arena de taekwondo haja esse tipo de dissidência, mas isso é primeiro fator. Existe um outro fator entre os mestres, que também não aceita influência dominante do outro colega mesmo sendo da primeira geração, por que já entra na área de divergência pessoal, picuinha pessoal ou ponto de vista diferente, um acha que ele é mais legítimo. É... Digamos que cinco ou seis Dan, grau né? Na faixa preta. É legítimo, por que ele adquiriu, mediante prova na Coréia. Existem comentários de alguns que diziam pra mim que aquele sétimo Dan de fulano não tem fundamento, ele se submeteu à prova, ele mesmo aumentou um grau. Então existe assim, esse não tenho certeza, mas ouvi comentário assim... Você chefe de uma federação, você inicialmente 4º grau, mas seus discípulos, outros mestres jovens tá chegando 1º, 2º, 3º, 4º, mas como você mais alto, mais idoso, precursor, você não estar no mesmo grau dele. Essa idéia é

exatamente aquela idéia hierarquizada de cima pra baixo. “Eu sou mais alto, tenho que ser mais alto!” Então se ele, se o meu discípulo é 4º grau, eu tenho que ser mais alto, eu tenho que ser 5º grau, pra ordem. Você entendeu? Coisa que nós não fazemos hoje, mas no passado era corrente até digamos compreensível, essa inversão de grau não era bem aceito por aquelas pessoas por que está acostumado uma estrutura verticalizada de cima pra baixo. Então o chefe tem sempre que ser mais alto, então grau também era mais alto.

F.M. – Mesmo que não tivesse feito prova?

A.K. – Mesmo que não tivesse feito prova, e mesmo se tivesse feito prova não passaria, por que tá mais velho. Então me falaram que uma pessoa de renome ou presidente de entidade, federação parece que poderia aumentar grau por consenso, tipo aquele “doutor honoris causa”, não fez tese, mas dada a sua reputação, posição de presidente de um país, assim por diante dá um grau de doutor sem que tenha a tese aprovada, defendida, mais ou menos o mesmo sistema, só que isso vira sétimo oitavo, me disseram que à parte em si de 4º, 4º, 5º em diante é por consenso. Então isso pra alguns era contestado, não admitia por que já com visão de igualitária por que chegando a 4º, 5º, 6º, se submeta à prova, mostra que está com perfeição, sei lá... Então esse é comentário que eu ouvi, mas não tenho como provar por que não sou praticante de taekwondo, mas acho que não deve ser muito fora da realidade.

F.M. – E esse conflito de gerações dentro do taekwondo coincidiu com o conflito de gerações dentro da colônia coreana ou não foi numa época diferente?

A.K. – Não. Não. Conflito, divergência interna entre os mestres já vem de longa data.

F.M. – Sim, mas entre esses mestres de mesma geração.

A.K. – Mesmo entre as mesmas gerações.

F.M. – Mas esses da outra geração, os mestres 1.5?

A.K. – Esse coincide, por que na medida que jovens cresce e tornam adultos ele tende a criar própria influência, própria comunidade que não aceita muito, aí coincide com crescimento da geração 1.5 na fase adulta, aí coincide, caso é Yeo Jin Kim da Academia Liberdade, que é mais jovem do eu, deve ter trinta e pouco ou próximo de quarenta... Não ele tem 35 ou 37, mas ele achou por bem criar sua liga própria por que federação e cheio de... Ele não pode penetrar e havia...

F.M. – Estaria sempre amarrado à hierarquia?

A.K. – Isso. Isso. Então não teria espaço próprio, tanto é que a liga dele é muito grande, ele faz como se fosse uma federação e a briga é reconhecimento internacional ou nacional que para participar da modalidade dos jogos olímpicos tem que ser aprovado pela federação e confederação. Mas ele como é liga independente não pode entrar, não pode mandar seus atletas pra pré-seleção. Parece que estão tentando fazer um acordo entre essa liga de taekwondo de Academia Liberdade e Federação Paulista de Taekwondo e Confederação Brasileira, com o tempo se resolve né? Mas enquanto isso liga tá querendo mostrar a sua força e sua estrutura.

F.M. – Augusto, ao mesmo tempo que os mestres brigavam entre si, os mestres de mesma geração, os mestres de uma geração posterior que estavam buscando um espaço, você tem também de outro lado os brasileiros que queriam se tornar mestres, mas que também eram limitados por esses mestres coreanos. Você se existe ou se você conseguiu perceber isso entre os mestres coreanos em algum comentário do tipo de querer resguardar o taekwondo no controle deles por ser uma expressão da cultura coreana e fazer com os mestres brasileiros estivessem subordinados o máximo possível aos coreanos nesse sentido?

A.K. – Olha. Quando eu vejo mestres coreanos com que tem, conquistaram faixa preta toda vez que eu vejo eles tão todos eles subordinados ao mestre maior de taekwondo coreano, mestre coreano. Nunca vi algum mestre que fosse independente, nunca vi algum mestre brasileiro que fosse independente como relação ao seu mestre coreano. Recentemente alguns mestres de faixa de taekwondo que são modalidade mais forte que coreano, pro que estrutura do corpo é maior eu tive notícia que eles conquistaram medalhas dos campeonatos, nem sempre olímpico, mas eles se destacavam, começaram a se destacar

recentemente. Esses poucos nos Jogos Panamericanos e em outros tipos de campeonatos, com conquista de medalha e com reconhecimento internacional é que eles começaram a criar própria academia, mas mesmo assim eu vejo muita influência deles quase digamos subserviente às orientações dos mestres coreanos. Eu Shinto assim... Por que de alguma forma origem é lá na Coreia e congresso, reunião acontece lá na Coreia, então eles vão pra lá, eles não tem estrutura pra promover aqui e eu vejo que quem realiza congresso mundial dos mestres, o campeonato mundial e que detém digamos uma supremacia ou influência sobre os demais, e eu vejo que isso acontece na Coreia não aqui. Então... De vez em quando eu ouço comentário: “ah vou pra Coreia, vou participar...”. Então quando mestres brasileiros vão lá participar com certeza ainda eles estão dependendo da estrutura maior, matriz da Coreia né? Mas com certeza agora própria estrutura da federação tende a mudar pra, pela geração mais jovem, eu vejo que me pouco tempo tende a ser planejada só, ou seja, a estrutura hierarquizada, verticalizada tende a desaparecer prevalecendo o mérito próprio e esforços e com aceitação de ideia mais unificada, democrática até... Isso foi uma fase né? Advindo de uma época que essas coisas funcionavam assim, com tempo eles ficam velhos e novas gerações tem, leva administra organização de uma forma mais democrática que tendência mundial. Eu vejo assim. A Academia de liberdade é uma prova disso, e Sang In Kim não conseguiu remover eles, teve que admitir que eles trabalham e tá fazendo coisa boa também. Quer dizer, o único foco de resistência é a federação: “ah aqui você não terá legitimidade”. Mas isso também teve discussão judicial se não me engano, eu não sei que fim deu mas parece que teve uma discussão judicial e Sang In Kim perdeu o posto de presidente da federação e quer dizer, é um conflito interno pra discutir quem é legítimo e ou a Liga de Academia de Liberdade é legítima ou não também é discutível, ele também quer. Então não se mais pode impor meramente por vontade própria e de forma unilateral e fato existe e com tempo fato é reconhecido e com tempo todo mundo vão participar ou vai acabar formando uma federação só.

F.M. – Esses conflitos do taekwondo acabam extrapolam o próprio taekwondo chegando até Associação dos Coreanos?

A.K. – Não, não. É localizado.

F.M. – Também se eles se encontram em alguma comemoração, alguma coisa da Associação também não tem muito contato.

A.K. – É primeiro quando houve festividade da modalidade taekwondo pela Liga pessoal da Federação não vem, quando outro tem esse aqui não vão pra evitar constrangimento, mas isso ainda na seara da taekwondo, mas se for um assunto comunitário da Associação eu convido tanto um como outro. Então eles são muito sensíveis a quem eu convido... (risos). Como se, se eu convidar um eu estou legitimando um, se eu convidar outro eu estou legitimando outro e se eu for na festa de um: “Ah presidente veio”. Como se eu tivesse legitimando, mas essa é impressão que eles tem, eu pra mim estou reconhecendo tanto um como outro como membro da comunidade, não legitimando uma facção ou outra.

F.M. – É que depois acabam utilizando isso aí.

A.K. – Isso. Tenta dizer: “Ó tá vendo”. Foto de Augusto, foto do Cônsul Geral, como se isso fosse uma forma de legitimação, mas isso é apenas uma marketing.

F.M. – Sang In Kim, ele foi presidente da Associação dos coreanos, ele foi o único mestre de taekwondo presidente da Associação dos coreanos?

A.K. – Foi. Único.

F.M. – É que eu li um trabalho que dizia que muitos mestres tiveram influência...

A.K. – Influência teve, por que naquela época dos anos 70...

F.M. – Influência dentro da Associação?

A.K. – Então. Justamente por ele ter sido interlocutor entre autoridade constituída do Brasil, e a comunidade carente de alguém que possa fazer esse papel é que exerciam e ao exercer se tornam influentes, mas essa era passou e muitos ainda está confundindo que ainda está. Então o que ele fala: “eu fiz isso, eu ajudei fulano e sicrano”. A gente agradece. Isso já faz 30 anos atrás ou vinte anos atrás no máximo. E muitos investimentos,

empreitada empresariais desses mestres de taekwondo nem sempre deram certo, muitos são questionáveis também, próprio Shopping Center Luz, que Sang In Kim fez não uma unanimidade pra elogiar-lo.

F.M. – Mas ele usou o dinheiro da Associação?

A.K. – Não.

F.M. – Ele usou dinheiro próprio.

A.K. – Não ele convenceu comunidade coreana pra investir comprar.

F.M. – É por que eu tive a oportunidade de ir lá, e são lojas coreanas.

A.K. – Isso. Ele teve oportunidade de conhecer alguém, proprietário daquele imóvel e criou uma oportunidade pra vender e ganhar dinheiro com isso e ele era pessoa conhecida e comunidade entrou e muitos coreanos lá investiu não por influência de taekwondo dele, nem um pouco, cada um olhou assim: “ah acho que pode dar certo”. Então foi uma oportunidade comercial, mas criou essa oportunidade foi ele em função do conhecimento que ele tinha aqui, ali e acolá. Então esse oportunismo comercial e empresarial fez dele e algumas pessoas dele enriquecer, mas outros também faliram com isso que nem sempre mestre que sabe lutar bem pode ser excelente empresário. Então esses altos e baixos fez deles às vezes motivo de críticas, nem todo mundo aplaude tanto é que existe dissidente que fala assim: “somos mestres de uma arte marcial tem que ser como tal. Se você deixa de ser então tira esses título, coloca empresário não mestre. Então esse uso de título pra fins comercial é tido como desvio do espírito esportivo.

F.M. – Mas também é uma maneira de se legitimar, pensando na hierarquia que o coreano até bem pouco tempo atrás obedecia.

A.K. – É tinha uma forma de influir, mas hoje isso já não tem nenhuma influência mesmo.

F.M. – É que provavelmente na cabeça dele funcione assim.

A.K. – Claro, ele ainda guarda todas as memórias: “ajudei fulano, sicrano, beltrano, e então ele vai ter que me ajudar”. Do tipo assim: “já ajudei, já liberei muitas encrencas”. E de fato se for cobrar dessa forma vai ter que ajudar um pouco, mas não que isso fosse obrigatório, mas por uma devolução dos favores, uma cortesia, mas outras pessoas que não teve esse contato de favores, não se sente obrigado. Então grau de influência de relação de favores vai diminuindo, por que as pessoas envelhecem, novas gerações crescem, então a comunidade é ocupada por pessoas novas que desconhecem esses fatos do passado.

F.M. – Você vivenciou um pouco esse processo né? Provavelmente você não consiga responder essa pergunta, mas às vezes como observador deu pra perceber alguma coisa. Deve ter sido um momento difícil na vida do Sang In Kim, por que você pensar uma pessoa que num determinado momento goza de um certo prestígio dentro da colônia e dentro da arte marcial, que é o que ele veio se propor a fazer no Brasil e no momento seguinte ele se vê perdido, perde tudo, perde influência na Associação coreana, na colônia, perde influência no taekwondo isso deve ter sido um pouco traumático...

A.K. – Com certeza. Então quando tinha alguma oportunidade, por exemplo, esse julgamento que teve na federação.

F.M. – Isso foi mais ou menos da década de 80 ou 90?

A.K. – Não. Teve julgamento esse ano.

F.M. – Mas esse processo se inicia em que período? Os coreanos 1.5 disputando espaço.

A.K. – A isso já desde anos 80. Que eu tenho 47, mas quando me formei faculdade já se torna independente deles, pais você já tem sua profissão você está mais capacitado pra vida social do Brasil, então na medida que os filhos, os jovens conquista maior idade e a independência econômica muda drasticamente a relação, simplesmente não obedece não reconhece. No caso Sang In Kim há uma luta permanente deles, dele pra promover, mostrar que ele foi empreendedor, ele foi lutador, que dele dependia muitas coisas, ele contribuiu muitas coisas pra comunidade que no fim que ele não é uma pessoa ruim safado.

Então ele tá agora tendo uma preocupação permanente pra desfazer esse má imagem, distorcida. Com fundamento? Não sei. Sem fundamento? Também não sei. Mas vejo que há uma preocupação Constant pra mostrar que ele fez coisa boa. Mas se ele está preocupado pra remover essa imagem negativa, é por que existe essa imagem negativa. Você entendeu? Por quê? Por que ele se empreendeu numa área que não é área de taekwondo, na realidade ninguém questionou taekwondo em si dele, quando ele adentrou no “buShiness” é que começou a ter questionamento. Entendeu? Então para os outros mestres de taekwondo não sofre esse tipo de...

F.M. – É. Eu me lembro também se eu me engano, o mestre Shin Hwan Lee que a algum tempo atrás se envolveu coisa de bingo, alguma assim...

A.K. – Shin Hwan Lee? Aquele com olho de... Um dos olhos tem... Não é verdadeiro né? Não reparou? Que fica na rua Prates?

F.M. – Eu não sei direito, eu lembro da imagem dele numa vez num exame de faixa que ele foi fazer na minha academia, mas foi a única vez que o vi e depois eu fiquei sabendo desse rolo tal...

A.K. – Shin Hwan Lee, tem minha idade e ele não dá bem com Sang In Kim, então é um crítico, na minha o opinião ele não se dá bem.

F.M. – Ele é considerado 1.5 então, ou não?

A.K. – Não por que só é 1.5 quem cresceu na juventude aqui.

F.M. – Já veio formado?

A.K. – Já veio formado. Quando veio formado não é 1.5, então ele veio com idéia e formação de lá não daqui, 1.5 é aquele que teve uma fase na Coréia, mas teve também segunda parte da fase d formação da personalidade dele no Brasil.

F.M. – Porém ele veio da Coreia, mas com uma outra ideia, por que veio numa outra época.

A.K. – Claro. Ele já não veio da época de ditadura militar na Coreia, Sang In Kim é homem da época ditadura e Shin Kwan Lee já veio crescendo, mas época Coreia moderno, Coreia democrático (risos). Então aí também um conflito por que jeito de agir é diferente, jeito de ver é diferente. Eu acredito que conflito é muito mais pessoal do que estrutural, assim um enxerga: “pô aquele 7º dan, 7º grau de faixa preta eu suspeito”. Tipo assim: “eu não sei não”. Então é mais uma desconfiança pessoal ou do tipo assim, ele tenta mostrar todo esse conceito de honorabilidade, respeitabilidade, mas acho que ele não merece tudo isso pois se busca essa imagem tem que ser condizente sua conduta não condizente com imagem de respeito que ele quer buscar. Então, mas os outros que não conhece não questiona por que não conhece, mas quem conhece bem de perto é que começa a questionar por que talvez pra ele não legítima essa imagem, mas tudo isso resume hoje no âmbito pessoal, única briga institucional foi em função da Federação e a Liga e desconheço, mas saiu uma vez uma matéria no começo desse ano que teria um julgamento razão pela qual Sang In Kim seria destituído da presidência de Federação, eu não estudei, pesquisei a fundo não posso dizer pra quem contra quem, apenas lembro que teve uma matéria na comunidade sobre esse julgamento ou decisão que aparentemente desfavoreceu Sang In Kim na direção de Federação isso depois teve recentemente outra matéria no jornal em que Sang In Kim tenta mostrar que ele é uma pessoa honrada não... Diferente do que divulgado por alguns como uma pessoa desonrosa. Então... Isso é uma matéria recente.

F.M. – Esse é o jornal da colônia coreana? Como se o Jornal?

A.K. – Existem 4 jornais na colônia coreana: Dong-A, HanKook, Jungang e último é Choson. Choson na linguagem se lê Choson que é nome da antiga dinastia. São 4 jornais diários que reproduz matéria da Coreia, das suas matrizes jornalísticas, mas introduzindo tradução do noticiário brasileiro e noticiário da comunidade coreana.

F.M. – E nesses 4 quatro jornais quem são os donos, são pessoas ligadas à Associação?

A.K. – São diretores do jornal, são todos coreanos que moram no Brasil, são da comunidade, mas eles tiveram digamos uma concessão ou autorização pra reproduzir matéria jornalística dos jornais de lá e estão usando o mesmo nome de lá pra reprodução aqui.

F.M. – Essa questão que eu fiz é pra saber se essas matérias relativas à colônia são enviadas por membros da colônia ou existem repórteres desses jornais?

A.K. – Não, não, não. São jornais, nome é pomposo, mas não tem estrutura de um jornal verdadeiro. Por que jornal tem ter além de dono tem que ter editor e repórter, mínimo de estrutura, mas eu diria que carece disso, então as pessoas falam pra ele, fofocam pra ele: “ah fulano é isso...”; “acontece aquilo...”. Ou a própria Associação envia matéria pra eles junto com fotos e eles reproduzem, então muitas vezes a matéria pode ser tendenciosa também, por que pra ser uma matéria neutra, jornalista, repórter tem que fazer reportagem dos dois lados da história concorda comigo? Se alguém brigou não pode ouvir de um lado só tem que ouvir do outro lado.

F.M. – Mas se naquela manhã for só um lado é aquele lado que sai no jornal.

A.K. – Ou aquela pessoa amigo dele ele põe, se não for amigo dele ele não põe. Então ao recusar divulgar a matéria, ou ao distorcer fato, ou ouvir só um lado, ou o próprio dono do jornal tem preconceito ele pode distorcer um fato de forma tendenciosa, isso acontece com frequência.

F.M. – Pensando um pouco na identidade que se construiu em torno da colônia coreana, eu penso que o jornal é um ponto importante de se querer formar uma identidade, entretanto o taekwondo acabou sendo uma coisa que na Coréia tem uma representatividade que não se reproduziu aqui no Brasil. Então pensando assim nesse lado da cultura o quê que colônia coreana ainda foi mantido de coreano mesmo, das coisas da Coréia e o quê que não, no campo da cultura?

A.K. – Hoje o taekwondo é ainda uma identidade por que essa briga que você detectou por que você praticou o esporte pra muita gente essa intriga é desconhecida por isso lhe falei

essa intriga é hoje quase que pessoal, eu desconheço quem tem razão e quem não tem razão, mas eu diria que é pessoal mesmo. Então sendo assim pra muitos garotadas ainda é um esporte coreano que não tem nada a ver, que não sofre influência disso, dessas intrigas. Então próprio taekwondo é uma expressão da cultura coreana até pra segunda, terceira geração coreana no Brasil, gosta de praticar, respeita seus mestres, não mudou em nada essa sua essência, e outra expressão cultural da Coréia é a danças, cantos e tem outra entidade que fortemente une os coreanos são as entidades religiosas, igrejas católicas e protestantes, por isso budismo está muito pouco presente, sua natureza de religião tende a ser sequitária, se isola num templo no meio da montanha, coisa que aqui na cidade urbana não acontece e como ele exige mais reflexão do que participação se sobre sai igreja que, movimento religioso que prima pela coletividade como igrejas cristãs que são mais dinâmicas, então budismo tá pouco presente, existe um templo, mas muito pouco presente. Então movimento religioso são outro fator de congregação dos coreanos dentro da comunidade no Brasil, em todo lugar do mundo ele influi muito decisivamente.

F.M. – Notadamente as igrejas protestantes.

A.K. – Aliás, muitas vezes eles são mais influentes que própria Associação. Eu já ouvi até um comentário de um pastor assim: “presidente de Associação tem mandato de dois anos, pastor tem *ad aeternum* por que ele não é questionado, não é eleito”. Entendeu?

F.M. – A comida também provavelmente?

A.K. – A comida sim. Comida aliás até se fortaleceu por que no começo nossas comida que é bastante fermentadas, comida coreana, tirando o arroz que é cozido em água sem sal, o resto é tudo condimentados e fermentados.

F.M. – O Kinchi?

A.K. – Kinchi é fermento da acelga com sal e pimenta, assim fermenta, processo de fermentação que ganha o sabor, tanto é que depois de algum tempo ele se torna imprestável por que se fermentou de mais e todos os outros tipos de comida são fermentadas.

F.M. – Hoje em São Paulo pelo o que eu sei tem muitos restaurantes coreanos na região da aclimação.

A.K. – Aclimação e Bom Retiro.

F.M. – São freqüentados apenas por coreanos?

A.K. – Não, não. Esse é fenômeno interessante. Como eu tava dizendo no começo ele é fermentado ele tem cheiro forte, característica mais forte como usa muito alhos e pimenta, a mistura de alhos e pimentas deixa cheiro forte na boca e que nem é agradável cheiro de alho não agradável pra ninguém. Tanto é no que no começo dos 60 e 70 a gente fazia questão de não comer nossa comida quando estivesse na presença dos outros e se comer escovava dente mastigava chiclete pra não constranger o outro pelo cheiro de alho e pimenta que permanecia na boca, com o tempo ela ficava mais fermentado, né? Aí sentia um pouco da vergonha até: “não gosto de cheiro”. E muitos brasileiros reclamavam: “que cheiro ruim é esse!”. Então a gente ficava constrangido mesmo, nós ficávamos constrangidos, mas com o tempo percebemos que isso fazia parte de nossa cultura, nossa arte culinária e a geração nova passou a consumir ostensivamente e nossas comidas foram sendo aceitas por que nós levávamos nossos amigos aos restaurantes ou nas nossas casas. Então pra nós que falava português fluentemente ou de alguma forma tinha relacionamento social razoável mostrava: “essa é nossa comida”.

F.M. – E podia explicar.

A.K. – E alho não é veneno, né? Apenas cheira, então escova se não gostar. Então a gente podia explicar e contornar constrangimento, então começou a ser aceito melhor, e nos restaurantes coreanos na Aclimação há muitos brasileiros ou coreanos, todos não necessariamente brasileiros, mas todos não coreanos freqüentam os restaurantes coreanos há muito tempo. Então essa é uma coisa boa por que ao invés de ser eliminado ele ganhou corpo, ganhou destaque. Claro valores coreanos além de arte culinária também tem artes marciais como taekwondo, principalmente taekwondo e também danças, culturas, danças, cantos que ainda tá bastante presente, ainda tá presente então como hoje as senhoras, jovens podem expressar e fazer seu festivais e pode participar, então digamos agora com

ascensão dá geração 1.5 na direção da comunidade eles começaram a ganhar uma certo destaque e maior facilidade de se expressar e se exhibir. Antigamente isso acontecia quando, quando das ocasiões muito especiais, mas muitos deles não explicavam o que era aquilo por que ninguém podia explicar, não falava bem o português. Hoje qualquer um pode explicar. Então, por que o diretor da escola de dança e canto todos falam português, então eles pode explicar o quê eles faz, o quê significa com certo orgulho até. Então digamos que difusão da cultura coreana, valores coreanos, jeito de ser coreano timidamente, mas com escalada firme tá se divulgando, difundindo melhor agora com ascensão social da geração 1.5, mas ainda não está assim muito forte por que essa geração 1.5 ainda não tem apoio oficial do governo coreano de estruturadamente fazer isso.

F.M. – Não tampouco brasileiro.

A.K. – Não tampouco brasileiro. Só que não temos ainda como 1.5, não ter formação na Coréia que é matriz ele não tem ligação com alguém que pode dar uma mão firme um apoio estrutural, entendeu? Por exemplo, escola de dança coreana Regina Hwang, uma lutadora, escola brilhante, premiada aqui Brasil, mas na Coréia ainda essa ligação da Coréia pra cá ainda é tímida. Ela é membro da Academia na Coréia, mas poderia vir Academia da dança da Coréia vir junto com ela faz mais, mas é tímida por que primeiro longe e que basicamente por que nós 1.5 se formou no Brasil, faculdade no Brasil, então ele não tem os mestres ou dirigentes da matriz coreana e como ele não conhece então ele não tem como pedir. Então essa falta, essa carece essa ligação com instituições oficiais da Coréia pra nos ajudar estruturalmente, mas com esforço próprio da geração 1.5 está fazendo difusão cultural dos valores coreanos aqui no Brasil. Acho que com o tempo ele vai solidificar.

F.M. – Hoje então na cidade de São Paulo o Senhor diria que é possível ver ponto onde há uma forte presença coreana que não só a Liberdade?

A.K. – Liberdade presença coreana já não é tão forte, forte mesmo é no bairro de Bom Retiro. Você tem ir pra Bom Retiro, você vai as lojas, grande maioria de lojas de roupas femininas donos são de origem coreana e também muitas lojas de artigos coreanos inclusive a fachada escrita em coreano, restaurante coreano, inclusive muitos que estão lá

trabalhando são pessoal tipicamente coreanos, nem fala português direito ainda muitos deles, existe caraoquê coreano, então se você for pra Bom Retiro existe duas presenças marcantes: judaica, sinagoga e seus anciões; e os coreanos com seus estabelecimentos comerciais, loja de roupa restaurante, caraoquê, taekwondo.

F.M. – Mas uma disputa por esse espaço na cidade, não houve?

A.K. – A aí sim.

F.M. – Pelo o que me consta haviam os judeus que estavam lá e que certa forma não foi bem uma disputa, mas acabaram ajudando, ajudando entre aspas por que alugaram as suas lojas, mas também me parece que tinham gregos e outras etnias ali também disputando espaço, armênios, como que foi isso aí?

A.K. – Bairro era inicialmente italiano, quando havia industrialização de São Paulo, Bom Retiro era próximo a estação então havia essa industria de sabão, tecido marcado pelos italianos.

F.M. – Década de?

A.K. – 1900. Mas no começo do século 20 foi substituído por judeus, por que ali se fixaram pra seus comércios e depois nos anos 70, 80, principalmente 80 começaram a alugar os pontinhos de loja para os coreanos hoje está maioria coreana por que essa transformação, essa de pontos de lojas, vende imóvel custaram muito dinheiro e pra coreanos que deixaram muito ricos os judeus e coreano com seu esforço próprio pra tocar seus negócios comerciais embelezam o bairro, né? Bairro que tava decadente até então por que não havia nenhum grupo ou nem investimento oficial ou coletivo nem individual por que tava decadente mesmo ganhou melhoria brutal. Hoje se você for lá todos os estabelecimentos é diferente do passado não é aquele estabelecimento caindo aos pedaços, com velho judeu dormindo numa poltroninha não tem nada disso. Esse era minha visão que eu vi ainda nos anos 70 e 80 na medida da substituição foram substituídos por empresários coreanos jovens mais fortes mais empreendedores que mudou faceta totalmente. Hoje ali é modelo de indústria de roupas e existe um pólo chamado “Tropical

Space” que é denominação e grupo de empresários que une vinte e poucas empresas que decidiram exportar pra exterior essa semana está terminando feira no Milão e em Paris, moda brasileira em Paris.

F.M. – Feita por coreanos.

A.K. – É. Liderados por coreanos. Agora inversamente empresas de origem judaica tá aderindo e esse grupo. “Ah também quero entrar nessa!”. Então esse é um fato novo e mostra até onde chegou por que ali tá vendendo, fornecendo artigos pra muitas lojas de shopping tido como o melhor.

F.M. – E com outros grupos de outros países houve uma certa disputa por espaço?

A.K. – Não. Houve só entre judeus e coreanos só.

F.M. – Esse outro pessoal, o caso dos gregos...

A.K. – Não, não. Presença é notada, mas no sentido de disputa. Disputa pelo ponto e loja, e cliente, mercado foi entre judeus e coreanos por que, na realidade entre comprador e vendedor. Vendedor queria vender bem valorizado, comprador queria comprar barato, mas nesse processo quem tinha mais força econômica ganhou e na época comunidade judaica dispunha de imóveis e podia dizer não e coreanos precisava de pontos então acabaram cedendo e pagando pontos caros, valor muito caro.

F.M. – Em dólar?

A.K. – Nossa! Muitos, muitos dinheiro foram transferidos pra lá.

F.M. – Uma outra questão que foi levantada durante aquela mesa redonda, essa relação entre japoneses e coreanos em São Paulo.

A.K. – Ah muito cordial.

F.M. – Foi tranqüilo teria acontecido aquela rixa antiga que existe entre coreanos e japoneses?

A.K. – Os velhos têm, os velhos ainda tem esses rancores pela memória do passado recente, mas eles nunca impuseram essas rancores na forma vida comunitária, na minha gestão, eu na festividade de data da independência da colonização japonesa sobre a Coréia eu convidei representante japonês e só um ou poucos achou estranho, achou abusada a minha atitude de logo chamar representante japonês numa festa nossa que comemorava exatamente a libertação, mas eu falei pra eles que o passado não deve ser o motivo do ódio próprio do povo a gente aprende com o passado, mas pra quê, pra convivência harmoniosa do presente e futuro, mas não para a acumulação de ódio como aconteceu, aparece entre judeus e palestinos senão não tem fim. Então se você guarda todos os rancores de todos os passados contra todos que fizeram mal contra você, você vai morrer de ódio, isso que falei pra pessoal mais velha, mas poucos reclamaram maioria aplaudiu minha atitude.

F.M. – Então provavelmente se hoje uma jovem coreana dita 2.0 de repente começar a se interessar por japonês, provavelmente o pai não achar ruim, mas o avô...

A.K. – Não, hoje em dia isso certamente foi superado. Por exemplo, meu filho tem 17 anos namora uma japonesa e na comunidade coreana há muitos jovens que se casaram 1.5, se casou com moça, moço de origem japonesa e é aceito com muita naturalidade.

F.M. – Não foi importada essa visão da Coréia.

A.K. – Não, não. Realmente esse antagonismo essa percepção de inimizade não veio pra cá. Aliás, os japoneses foram muito amigos, eles foram muito importantes, muito amigos pra nós por que eles ajudaram muito no começo imigração coreana no Brasil, ajudaram muito e nossa eles foram fundamentais pra introdução coreanos na vida brasileira.

F.M. – Isso foi conta da imagem que eles já tinham construído aqui de pessoas boas?

A.K. – Claro, já construíram imagem de “garantidos!” E que se estendeu para coreanos por que eram parecidos, mas mais do que isso eles fizeram questão ajudar a quem pedia ajuda

pra eles por que sofriam aquela colonização japonesa dos 30, 40 dos 1900, 1930, 1940 essa pessoa na época jovem hoje 70 anos ele fala fluentemente japonês, então apesar do sofrimento foram pedir ajuda pra japonês que não foi negado pra eles. Então muitos deles são gratos a japoneses. É que minha mãe, por exemplo, ainda guarda rancores, mas ela guarda rancor daquela época, que foi tratado naquela época, mas não contra os japoneses que estão aqui, você entendeu?

F.M. – Por provavelmente não são...

A.K. – Não são aquelas pessoas, mas eles... Todos nós guardam... Toda a memória são guardados com muita dor, mas poucos extrapolam do passado história pra realidade de hoje contra alguém do comunidade japonesa.

F.M. – É isso já seria um fanatismo.

A.K. – Seria só fanático, meio maluco pra fazer isso.

F.M. – Uma última questão. Com relação a expansão da igreja do reverendo Mun aqui no Brasil o pessoa da colônia coreana tem acompanhado isso aí.

A.K. – Desconhece, por que essa igreja tem muita influência no mundo agora, são notícias dos jornais, mas grande maioria dos coreanos não pertencem a essa igreja.

F.M. – Por quê ultimamente pelo o que eu fiquei sabendo ele comprou uma grande extensão de terra na região de Bonito no Mato Grosso.

A.K. – Isso, tá sendo objeto da investigação problema judicial, mas digamos que essa igreja tem influência fora do país, mas pra nós assim temos muito pouco contato com eles, eles não tem muito contato conosco por que há uma certa rejeição, eu não diria que isso é verdade institucional, mas é que tem poucos seguidores da religião dele entre os coreanos de repente pode ter um ou outro que pode contestar ou achar que estou maluco, mas na realidade na comunidade tem poucos seguidores a essa religião, então quando tem ouço não tem muito contato. Nós desconhecemos movimento dele e também ele não fez contato

comigo, eu presidente da Associação. Eles têm digamos é... Tem seus meios e seus, sua comunidade própria, nós conhecemos muito pouco.

F.M. – A Associação atualmente tem se destacado não mais como uma entidade assistencialista, ela tem feito essa ponte entre Brasil e Coréia?

A.K. – Sim, Associação deixou de ser uma entidade de fraternização, que no começo todo mundo dizia: “Ah casa de fraternidade, conagraçamento”. Passou dessa fase. Hoje Associação eminentemente é uma entidade representativa, representa a comunidade coreana no Brasil, na Coréia e seu relacionamento com outras entidades outros órgãos e depois assistencialismo na medida de necessidade, mas principalmente representativa quase uma função política.

F.M. – Augusto, como que era, como você sentiu quando você chegou aqui no Brasil a presença da cultura oriental aqui em São Paulo, existia já uma certa abertura ou teve grande dificuldade pra isso?

A.K. – Cultura oriental? Só tinha a japonesa.

F.M. – Mas foi isso que facilitou, né, você já disse.

A.K. – A sim a presença japonesa em São Paulo ajudou muito a comunidade coreana no começo e também foi um referência pra nós por que pra eles que a gente recorria, então palavra coreana ou coreano em si era desconhecido, através dos japoneses é que éramos conhecidos, então hoje brasileiros sabem distinguir coreanos dos japoneses, sabe que existe coreano e Coréia naquela época é desconhecido e nós éramos tido como pessoa estranha eu era sempre enfoque, o foco de atenção por curiosidade, “quem é esse cara?” Tipo assim.

F.M. – E com relação às artes marciais já existiam muitas academias aqui de outras artes marciais?

A.K. – Não, não academia começou a prosperar 71, 2, 3 pra cima, por que na realidade praticante começou a chegar anos 70, primeiros mestres.

F.M. – Mas isso de taekwondo, mas academias de outras artes marciais?

A.K. – Não. Não tinha outras, não tinha. Inclusive academia de artes marciais começou prosperar com a difusão de filme de Kung Fu de Bruce Lee.

F.M. – Foi isso o grande motor disso daí?

A.K. – É o grande motor de difusão de arte marcial oriental foi filme de Bruce Lee.

F.M. – Os coreanos sempre fazem referência a Coreia do Sul não como Coreia do Sul, mas como Coreia por que isso ocorre?

A.K. – Por que a Coreia é um país só, só que por força alheia foi dividida em dois.

F.M. – É mais por isso os coreanos não reconhecem essa divisão.

A.K. – Não é expressão de uma vontade própria é uma imposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]